

## **A visão reducionista do conceito de corpo na sociedade capitalista mercantil**

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza

A presente pesquisa é de caráter bibliográfico, fundamentando-se especialmente em Foucault (2005, 2006), Louro (2007) e Oliveira (2006). Decorre de estudos realizados durante as disciplinas de Doutorado, bem como, de nossa Tese de Doutorado defendida em 2009, na faculdade de educação – UNCAMP e, a análise pauta-se ainda, em nossa práxis, na observação informal, porém, atenta, crítica e sensível, enquanto educadora e pesquisadora, da leitura das falas, gestos e comportamentos do cotidiano de sala de aula. O objetivo é analisar e refletir criticamente, a percepção que permeia o conceito de corpo na sociedade atual abordando desde o conceito padronizado de beleza (mito de corpo perfeito), corpo como objeto (coisificado), corpo como mão-de-obra explorada (visão capitalista), o corpo como produto (visão mercantil - prostituído) e a dificuldade de reconhecimento do próprio corpo (corpo sexual controlado, reprimido), fruto de uma visão social reducionista da sexualidade, sendo um dos fatores que levam à vivência reducionista da sexualidade, focando-a nas genitálias (no ato sexual), deixando de reconhecer, compreender, explorar e vivenciar o corpo em sua totalidade e potencialidade. A sociedade capitalista vê o corpo como mera força de trabalho e com a mercantilização do sexo, o corpo produtor de bens, passa a ser “ele próprio” objeto, fonte de produção capital. Como afirma Foucault (2006), desde o século XVIII a sociedade passou a viver sob repressão sexual. E que, a ascensão da burguesia, reduziu o sexo à sua função reprodutora, onde o casal procriador passou a ser o arquétipo. E O que não se enquadra dentro desta “normalidade“- é excluído, negado, silenciado. Mas, a sociedade burguesa permite algumas exceções, restringindo as sexualidades negadas a lugares onde possam gerar lucros, como por exemplo, as casas de prostituição. Louro (2007), reafirma que a sexualidade, os corpos e os gêneros vêm sendo descritos, compreendidos, explicados, regulados, saneados e educados pelas instâncias sociais. Bonfim (2009) entendendo a sexualidade como todas as

nossas manifestações e interações biológicas, psicológicas e sociais também aponta que o corpo funciona como lugar de categorização social, como superfície de inscrição de marcas distintivas como as vestimentas, o comportamento corporal constituindo-se inclusive, em tipificações de classes sociais, culturas, gênero, entre outros. Embora, a sexualidade seja a dimensão das interações humanas ligando-se diretamente ao corpo como dispositivo de prazer (inclusive de reprodução e produção), o entendimento que se tem do corpo constrói-se, a partir das representações sociais do corpo e com as fantasias individuais. Como afirma Louro (2007, 2004), a Educação Física oferece um campo privilegiado para trabalhar as manifestações da sexualidade das crianças por ser uma área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo. E ainda aponta, a necessidade da problematização e desconstrução dos conceitos de corpo, gênero e sexualidade hegemônicos no contexto escolar especialmente no que diz respeito a valores. Conclui-se que, a visão de corpo vigente é condicionada pela sociedade capitalista mercantil midiática, conduzindo a visões limitadas e reducionistas do corpo, ora como mão-de-obra, ora como objeto, ora como um produto, desumanizando as relações sociais e afetivo-sexuais. Considera-se que, a escola como um todo e Educação Física em particular, sendo uma disciplina que trabalha o sujeito em sua totalidade, se for ministrada de maneira crítica pode contribuir significativamente para a formação de consciências críticas e para a superação da visão social reducionista e cultural hegemônica de corpo. Daí, a urgente necessidade de se falar de ética corporal, buscar desenvolver valores, capacidade de discernimento, espírito crítico, reflexões face às atitudes e comportamentos. Entendemos que, a escola é um dos ambientes mais adequados para a formação valores capazes levar os educandos a romperem esse círculo vicioso da cultura e com os padrões corporais estereotipados que alicerçam a sociedade capitalista mercantil. Aos educadores diríamos que, conhecer o corpo, suas possibilidades e potencialidades, é tão importante quanto o aprendizado da leitura e da escrita do mundo, é saber ler a si mesmo e escrever sua história, assim como adquirimos conhecimentos para transformar o mundo num lugar melhor, devemos conhecer nosso corpo e nossa sexualidade para tornamos melhor o nosso mundo interno, corpo e mente, que são o berço das significações da vida.

## Referências

Bonfim, Cláudia Ramos de Souza. (2009). *Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades*. (Tese de Doutorado). Campinas, SP: FE/UNICAMP.

Foucault, Michel. (2006). *História da sexualidade: a vontade de saber*. (V. I.). Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. (2005). *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra.

Louro, Guacira Lopes. (2007). Pedagogias da Sexualidade. In: O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica.

\_\_\_\_\_. (2004). *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes.